



O bairro de Jardim América perdeu o lugar para Campo Grande e vive hoje esquecido e sem recursos

Jardim América é exemplo de decadência

Cristina D'Avila

Jardim América pode ser visto hoje como o exemplo de um bairro decadente. Até os anos 70, era o principal centro urbano do município de Cariacica, mas foi esvaziado com o crescimento assustador de Campo Grande. Com isso, o lugar, tido como pioneiro no país na construção de um conjunto habitacional, foi obrigado a perder a pose. Alguns estabelecimentos comerciais, bancos, delegacia de Polícia, Coletoria e Cartórios debandaram. E até o Cine Hollywood fechou. Os buracos nas ruas, o alagamento na parte baixa quando chove e a poluição da Cofavi infernizam a vida dos moradores.

O segundo metro quadrado mais caro do município fica em Jardim América. As partes edificadas de uso não-residenciais valem até Cr\$ 21.977,00 o metro quadrado. A via mais valorizada é a BR-262, que corta o bairro. Lá, os imóveis são 500% mais caros, segundo o chefe de Cadastro Imobiliário da Prefeitura, Marcos Vicente Scalfone, 34 anos.

Casas populares

A Companhia de Melhoramentos de Vitória S/A doou ao Instituto da Estiva, logo que adquiriu a Fazenda Paul, um terreno de pouco mais de seis mil metros quadrados com a condição da autarquia construir casas imediatamente naquela área. Em novembro de 1942, foi inaugurada a Vila "Malcher de Souza", um conjunto residencial com 26 casas. A partir de 1947, com o início da construção de 100 casas, começou a surgir uma cidade sobre o extenso pântano.

Briga com a Vale

O neto de Hugo Viola, César Viola Maio, 33 anos, tem orgulho da audácia de seu avô por ter iniciado a urbanização de Jardim América sem a ajuda do poder público. Ele explica a idéia de Hugo construir as casas populares com base no perfil dele: socialista-integralista. O fundador do bairro chegou ao Espírito Santo em 1925. Em Vitória, ele era proprietário de uma oficina de carpintaria e marcenaria.

César Viola garante que seu avô é italiano, mas para "driblar" a perseguição política do Governo Vargas

Hugo não conseguiu morar nela porque morreu de câncer no pulmão, em Santa Helena, onde residia.

A mãe de César, Oneyda Viola Maio, 62 anos, é quem ocupa hoje a casa. Ela mora há 38 anos ali com seus dois filhos e o marido. Por causa de seu trabalho assistencial com as populações carentes, ela recebeu um apelido do radialista Jairo Maia que massageia o seu ego: Irmã Dulce Capixaba.

A família Viola trava uma verdadeira "guerra" na Justiça contra a Companhia Vale do Rio Doce desde a década de 50. Isto, porque a empresa invadiu mais de um terço de suas terras sem efetuar a correspondente indenização. A Vale construiu no terreno a estação ferroviária Pedro Nolasco, onde a estrada de ferro Vitória-Minas descarrega toda a sua carga, a Superintendência de Estrada, o clube e o estádio da Desportiva Ferroviária e outras instalações pertencentes à Companhia. Os Viola não gostam de falar no assunto, mas há informações de que a Vale já recorreu em todas as instâncias judiciais, incluindo Brasília, e dentro dos próximos dias será obrigada a pagar a alta indenização.

Casas populares

A maioria das construções do bairro é do tipo comum — com reboco (sem acabamento fino), coberto com tinta PVA e laje. O preço de imóveis como este, com característica não-residencial, é de Cr\$ 11.760,00 o metro quadrado. As áreas residenciais são menos valorizadas em 20%, de acordo com a Prefeitura. Na parte alta de Jardim América estão localizadas casas amplas, com melhor acabamento. Essa região foi descoberta pelos moradores há poucos anos — principalmente por aqueles que quiseram se livrar dos alagamentos, que ocorrem na parte baixa, quando chove.

Do projeto original, implantado dentro de um pântano na década de 40, ficou apenas parte do traçado das vias que cortam o bairro. As 100 casas erguidas pela Companhia de Melhoramentos Vitória S/A, em 1936, com este fim, estão completamente descaracterizadas. A maioria das residências simples — com dois quartos, sala, cozinha — foi reformada e cresce hoje no sentido vertical. O crescimento desordenado do bairro misturou zonas comerciais e residenciais num mesmo lugar, embora a maior concentração de estabelecimentos, bancos, óticas, bares e farmácias se dê na rua Paraguai.

História

O fundador do bairro foi o industrial e homem de negócios Hugo Viola, falecido em 1953. Ele teve a iniciativa de, no ano de 1936, criar uma Companhia para adquirir a extensa faixa de terra pertencente à antiga Fazenda Paul. Lá, construiu casas populares vendidas à prestação, num tempo onde não havia correção monetária e nem inflação. Até então, o terreno baixo era deserto e coberto por vegetação de mangue. O mais antigo proprietário da Fazenda Paul, que teve ao todo 13 proprietários, foi o padre André Vitoriano Delgado. A primeira escritura dos terrenos foi lavrada em 1827.

O bairro de Jardim América surgiu como uma alternativa ao grave problema residencial de Vitória. O lugar foi ocupado por famílias do interior do Espírito Santo que vinham tentar a vida na cidade e de baixo poder aquisitivo. Nessa época, a Praia Comprida — região de praia no norte da capital — era um local de moradia para os segmentos de maior poder aquisitivo que debandavam do centro de Vitória.

italiano, mas para “driblar” a rejeição política do Governo Vargas registrou-se como natural do Distrito Federal, no ano de 1896. Aliás, ele chegou a ser preso por várias vezes quando o governador Bley administrava o Estado. Hugo era visto como “comunista”. A casa da família Viola, concebida com uma cúpula arrojada, foi planejada por um alemão.

a alta indenização.

A Cofavi, fundada em 1942, está instalada em Jardim América e gera mais de 900 empregos. Além disso, a Companhia Ferro e Aço de Vitória, privatizada em 1989 pela Siderbrás, é responsável por uma das maiores arrecadações de ICMS do município de Cariacica.

Investimentos são escassos

Os moradores antigos de Jardim América definem o bairro como uma “grande família”, apesar dos escassos investimentos do poder público terem afugentado de lá grande parte de sua população original. Eles garantem que foram as disputas políticas entre os Viola e a família Fantini pelo controle do município as causas da decadência vivida hoje pelo lugar, em benefício de Campo Grande.

O dentista prático aposentado Nephataly Bastos, 82 anos dos quais 43 no bairro, acha melhor o bairro hoje. Segundo ele, quando foram erguidas as primeiras casas as ruas não eram pavimentadas e havia muita lama nos dias de chuva e poeira nos dias de sol. “A gente tinha que sair de casa sem sapatos para andar dentro dos alagamentos provocados pela cheia do valão de esgoto e do rio Marinho”, afirmou. Hoje, ele não enfrenta mais esse problema, pois reside na parte alta do bairro, embora os alagamentos persistam, invadindo casas e estabelecimentos comerciais.

Seu Nephataly conta que a poluição da Ferro e Aço afastou muita gente do bairro, ocupado hoje por mais de 15 mil pessoas de classe média, em sua maioria. A filha de Nephataly Nerlan Bastos Bandeira, 46 anos, foi uma das moradoras que abandonou Jardim América em busca de melhor qualidade de vida. Quando visita seu pai, ela lembra do tempo de sua infância, pois o vendedor de “quebra-queixo” (doce) ainda passa pelas ruas com o mesmo barulho do sininho do passado. Ela sente saudade do tempo em que o pão e o leite eram colocados em sacolas penduradas nas portas pelo padeiro. Todos os sábados, eram feitos os pagamentos da mesma forma ao padeiro, que recolhia o dinheiro nas sacolas sem o perigo de ninguém roubar.

Durval Zanella Denadai, 68 anos, está há 42 anos no bairro e

conta que foi a política que fez Jardim América entrar para o anonimato. Ele fundou a antiga Escola de Música do bairro, em 1954. Lá, ele dava aulas de acordeom, violão, flauta, órgão e piano, a domicílio. Ele sente saudades dos tempos em que seu primeiro aluno de violão — o cantor Altemar Dutra (já falecido), fazia serenatas em Jardim América quando o visitava. Nessa ocasião, Durval conta que cantava para Altemar acompanhá-lo ao violão.

José Ramiro, 65 anos, está há 17 anos no bairro. Ele lembra do passado com saudades: “Tiramos o cartório, o cinema Hollywood fechou, a agência do Bradesco, a delegacia e muitas coisas que existiam no bairro foram embora”. Ele é o segundo tesoureiro do Centro Comunitário do bairro Jardim América e afirma que “se Cariacica tem prefeito, o mesmo não acontece com Jardim América, em razão do abandono em que vive o lugar”. Segundo ele, a iluminação pública é precária, há muitos ratos, baratas e mosquitos, pouca oferta de ônibus e de vagas nas escolas públicas e privadas do bairro. Além disso, o trânsito no interior do bairro é confuso por causa da falta de sinalização e em razão das ruas serem estreitas.

Oneyda Viola Maio, 62 anos, ao contrário de Ramiro, acha que Vasco Alves é “o melhor prefeito de Cariacica nos últimos 20 anos”, por ele estar contruindo uma praça e ter asfaltado a Rua Paraguai e trechos de outras vias. O secretário de Obras da Prefeitura, Roberto Carvalho de Almeida, 53 anos, informou que a Praça Hugo Viola deverá ser inaugurada no próximo mês. O fim dos alagamentos na parte baixa do bairro e dos buracos nas ruas calçadas com paralelepípedos — na maioria é um problema da Secretaria de Serviços Urbanos, cujo titular não foi localizado para falar do assunto em sua residência, ontem.